

## **O FUTEBOL NA ESPANHA FRANQUISTA (1936-1975): ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

Luiz Carlos Ribeiro de Sant'ana<sup>1</sup>

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, Brasil

[ppanacea@hotmail.com](mailto:ppanacea@hotmail.com)

Recebido em 30 de julho de 2012

Aprovado em 3 de setembro de 2012

### **Resumo**

Este artigo apresenta uma introdução histórica do período franquista, especialmente entre 1964 e 1975 e um apanhado sobre o tema do esporte, mais especificamente sobre futebol. Após um breve balanço da bibliografia, investe-se na tentativa de matizar a abordagem sobre a clássica dualidade entre o Real Madrid e o FC Barcelona.

**Palavras-chave:** futebol; franquismo; Real Madrid x Barcelona.

### **Abstract**

#### **Football in Spain franquist (1936/1975): some considerations**

This article presents a historical introduction about Francoism. We keep the focus especially between the years of 1964 and 1975. We also discuss the dynamic of football and its political relations in those years. After a quick look at the specialized bibliography, we try to debate the known rivalry between Real Madrid and F. C. Barcelona.

**Keywords:** football; Francoism; Real Madrid x Barcelona.

Este artigo é parte de nossos esforços para a consecução de uma tese de doutorado, provisoriamente intitulada: O futebol nas telas - cinema, futebol, ditadura e modernidade, no Brasil e na Espanha: 1964/1975. Nosso trabalho vem sendo desenvolvido no Programa de Pós Graduação em História Comparada (PPGHC – IH –

---

<sup>1</sup> Doutorando do Programa de Pós-Graduação em História Comparada, sob orientação do Prof. Dr. Victor de Andrade Melo, e membro do grupo de pesquisa Sport: Laboratório de História do Esporte e do Lazer.

UFRJ). Para tanto, pudemos contar com o imprescindível apoio da CAPES, a qual nos proporcionou uma bolsa sanduíche em Madrid, no primeiro semestre de 2012.<sup>2</sup> Isto posto, vamos ao tema deste texto.

Nas páginas que se seguem, iremos nos concentrar no acompanhamento da trajetória do chamado “esporte rei”, o futebol, durante a Espanha franquista. Mais detidamente naquilo que se refere ao corte temporal circunscrito entre os anos de 1964 e 1975 (os anos diretamente pertinentes à nossa investigação). Nesse sentido, procederemos às seguintes etapas: breve exposição de uma linha de referências para uma aproximação histórica ao franquismo. Com isso pretendemos oferecer uma mínima noção contextual ao nosso leitor. Cumprida essa tarefa, abordaremos alguns aspectos gerais sobre o desenvolvimento do espetáculo futebolístico em Espanha: legislação, organização, dimensões etc. Destacaremos ainda a reconhecida relevância e enfronhamento do mundo do futebol na sociedade espanhola desses anos. Na sequência poremos em pauta a célebre oposição Real Madrid X Barcelona e, ao cabo, teceremos nossas observações finais.

### **Sobre o franquismo**

Creemos que o regime viabilizado a partir do levante insurrecional de 18 de Julho de 1936, apresenta uma forte coerência, ao longo de sua existência (a despeito e por conta mesmo das diversas inflexões político-econômicas que se efetivaram para a manutenção do mesmo). Advertimos apenas que o caso, aqui, não é o de se mapear o amplo universo franquista, mas o de, ao menos, prover uma mínima orientação.

---

<sup>2</sup> Agradeço ainda a professora doutora Teresa Gonzáles Aja, da Universidade Politécnica de Madrid, a qual gentil e generosamente me recebeu e co-orientou durante minha estadia naquela capital. Como de costume, no entanto, advirto que, neste texto, as ponderações, avaliações e a maior ou menor acuidade nas mesmas são de minha inteira responsabilidade.

A natureza política do regime franquista suscitou (e continua a fazê-lo) um controverso diálogo teórico. Nesta esfera dispomos de algumas alternativas que vão desde o totalitarismo *stricto sensu* (SARTORIOS e ALFAYA, 1999) ou a uma variante específica, de tipo católico “totalitarismo católico” (DIAZ, 1992, p. 12). Este último autor distingue ainda dois momentos diferentes, pois a partir de certa etapa (meados da década de 1960) dar-se-ia uma reconfiguração no sentido de um “autoritarismo tecnocrático”. Independentemente de qualquer classificação, no entanto, reconhece um cerne durável, pois “en todo momento mantiene, desde luego, su carácter profundamente antiliberal y antidemocrático” (DIAZ, 1992, p. 12).

A ideia de uma crucial adaptabilidade do Regime de Franco, ao longo das distintas conjunturas pelas quais atravessa parece ser forte.<sup>3</sup> Também fica nítido para o observador/leitor de fora, a percepção do peso da guerra civil (1936-1939) na história e na memória espanhola. Além dos textos históricos que remetem aos anos do conflito, podemos perceber a presença quase espectral dessa guerra fratricida, principalmente quando das discussões sobre as possibilidades de resistência à ditadura franquista e também, muito marcadamente, quando da negociação da transição à democracia. Neste último caso são muitos os que salientam que o importante era evitar, a todo custo, uma reedição da guerra (CERVELLÓ, 1993, p. 337; LINZ e STEPAN, 1999, p. 116-117).

Raymond Carr e Juan Pablo Fusi (1979), por exemplo, vão salientar o papel da vitória na guerra para a construção da legitimidade do regime (ver também CORTÁZAR, 1997, p. 426-27).

---

<sup>3</sup>De acordo com Seixas (s/d), há um grupo de autores, como Fontana, Payne, Molinero e Ysas, [que] “mantiene que la evolución del régimen franquista estuvo dictada ante todo por la necesidad de adaptarse a los cambios sociales internos y a las presiones del entorno internacional. Sin embargo, en un principio el Régimen había mostrado su verdadera cara: la de un sistema basicamente fascista con ciertas peculiaridades, como el fuerte peso de la impronta católica, lo que no era exclusivo del franquismo, y el haber nacido como consecuencia de una guerra civil, lo que explicaba también su mayor grado de represión y violencia” (p. 12).

Esse feito militar (o próprio Franco é o que mais frisaria esse aspecto) seria conjurado por todo o período: “la victoria conseguida en la guerra civil. El recuerdo de aquella (...) y del sacrificio de sangre (...) fue el tema constante (...) de sus discursos [y] (...) de sus reflexiones privadas” (CARR e FUSI, 1979, p. 11).

O certo é que o embate foi duro e rachou a Espanha. Segundo os nacionalistas, o inimigo era constituído pelos separatistas, os maçons e os marxistas (CARR e FUSI, 1979). Não esquecer de democratas, republicanos e legalistas. Do lado de lá falangistas, integristas católicos tradicionalistas, alguns liberais temerosos do avanço da esquerda, monarquistas (DÍAZ, 1992, p. 12; CORTÁZAR, 1997, p. 429).

A guerra civil espanhola ficou ainda notória por uma grande repercussão e participação internacional na contenda. Desde Estados (URSS, Alemanha e Itália fascista...) a brigadas de voluntários, dentre os quais se assomaram algumas personalidades do século XX: Ernest Hemingway, George Orwell, o brasileiro Apolônio de Carvalho etc. (VILAR, 1989).

O manual de Cortázar vai ao encontro desse entendimento, e, principalmente, aponta para esse caráter intrínseco, básico e longevo da truculência franquista:

Nenhuma guerra civil termina no dia em que se assina o documento final da contenda. [A] (...) paz foi apenas a aplicação, ao longo de trinta e seis anos, daquilo a que o próprio regime chamava vitória. O final dos combates não trouxe, portanto, a paz (...) trouxe a ordem, mas uma ordem policial (...). O Estado de guerra só foi suprimido em 1948, (...) e ao longo de quase quarenta anos manteve de pé os tribunais militares (CORTAZÁR, 1997, p. 423-4).

Um aspecto sempre lembrado se refere ao desenvolvimento econômico. Como foi a *performance* franquista nesse requisito? Registremos algumas considerações.

Cortázar (1997, p. 51) constata que é na “era de Franco” que a “Espanha industrial periférica impõe-se à agrária, que ganhou a guerra, atraindo os excedentes de mão de obra camponesa ao compasso da segunda industrialização dos anos 60”. É bem

interessante notarmos o primeiro subtítulo do capítulo XV: “o fim da sesta” (p. 436). Trata do pós guerra e do posterior desenvolvimento da Espanha. Não sem primeiro relativizar o chamado “milagre” espanhol: “Se os alemães, os japoneses e os italianos depressa retomaram o progresso, no exemplo espanhol foi necessário um expediente lento e penoso em que o pior ficou a cargo dos próprios espanhóis”. Ademais, lamenta também o “orgulho político absurdo [de Franco] em desperdiçar a (...) ajuda americana a seguir à guerra” (CORTAZÁR, 1997, p. 436).

E prossegue:

a economia cresceu entre 1960 e 1965 a um ritmo médio anual de 8,6 %, sobressaindo o aumento da produção industrial, superior a 13% <sup>4</sup>. Empurrada pelos bons ventos da economia internacional, *a Espanha abandona o seu reduto de subdesenvolvimento para entrar no clube dos privilegiados como décima potência industrial* (CORTAZÁR, 1997, p. 436, Grifo nosso).

A “partir de 1970 o orçamento da educação ultrapassou o das forças armadas, demonstrando o verdadeiro alcance da mudança” (CORTÁZAR, 1997, p. 440 e 448).

Quase todo *boom* tem o seu revés e a partir de 1973 começa a crise e as explicações para a mesma. Quanto a isso não pairam muitos debates. Seixas (s/d, p. 30) recorre a uma descrição comum quando destaca que a conjuntura internacional fez aflorar as “debilidades y fragilidades (...) de la economía española”. Dentre estas, também se ressalta a “excesiva dependencia energética (...) respecto al exterior, en concreto, la dependencia del petróleo y gas natural”. A “vulnerabilidad de las industrias (...) ante la agresividad competitiva de los nuevos países industriales de la periferia”.

---

<sup>4</sup> "Entre los años sesenta e inicios de los setenta. Período en el que se dio un crecimiento económico sin precedentes" (ESTAPÉ e AMADO, 1986, p. 206).

Estapé e Amado (1986) seguem essa mesma linha. Díaz, por sua vez, relativamente a outubro de 1975, exalta a que “no se olvide como termina el franquismo, con ejecuciones [políticas] y estanflación” (DÍAZ, 1992, p. 195).

Havíamos nos comprometido, logo no início, a demarcar, mesmo que em traços largos, nosso espaço cronológico específico. Pois bem, dentro do que já foi visto podemos dizer que, economicamente, o intervalo entre 1964 e 1975 corresponde ao *boom* de crescimento e ao início da crise do mesmo (SEIXAS, s/d). Politicamente, temos três grandes destaques. O primeiro vem de anos anteriores (aproximadamente 1950-55) e corresponde à reinserção internacional da Espanha após as incertezas e o isolamento do pós-guerra<sup>5</sup>. Esse novo patamar de relacionamento e interação com os demais países ocidentais é mantido, não sem alguns desconfortos, nos anos seguintes, inclusive, é claro, naqueles sobre os quais nos debruçamos. O segundo destaque relaciona-se à ascensão do grupo, estilo e condução “tecnocrática” no governo, muito associada (não exclusivamente) à Opus Dei (DÍAZ, 1992, p. 87; MEDINA, 1995, p. 27).

Em terceiro lugar é preciso estar atento, no período, ao crescimento da movimentação de protesto, de trabalhadores e de estudantes. Trata-se, a esse respeito (afora a especificidade dos embates pró e anti-franquistas), de um conjunto de anos de alta ebulição no cenário internacional (FUSI, 1986).

---

<sup>5</sup>Conforme Díaz (1992), na Espanha entre 1951 e 1955, ocorre uma importante realocação internacional. Nesse período o regime franquista obtém grande sucesso na retomada da normalização de suas relações com demais países do ocidente. São quatro grandes vitórias: a revogação, nas Nações Unidas, da resolução 46 que recomendava a não manutenção de relações diplomáticas com a Espanha. Isso ocorreu no final de 1950 e sob a liderança do voto norte americano; no mesmo ano, em dezembro, os Estados Unidos nomeiam seu embaixador para Madrid - nos meses seguintes outros tantos países fazem o mesmo; em 1952 a Espanha é admitida na UNESCO e em 1953 firma uma Concordata com o Vaticano e assina acordos com os EUA; em 1955, por fim, é admitida com plenos direitos na ONU (p. 61). O autor também salienta a iniciativa de uma "relativamente importante liberalização cultural (...) desde dentro do sistema", mesmo com todos os limites imagináveis (p. 61).

## O futebol durante o franquismo

Primeiramente é interessante por em evidência que um estudo sobre o futebol (assim como o cinema, que não está sendo tratado neste artigo, mas que faz parte do projeto global de nossa tese) nos marcos do franquismo, não pode ser considerado um tema tangencial. Este é um dos pontos pacíficos da bibliografia, que vamos pontuar daqui em diante. A professora Tereza Gonzáles Aja se expressa nesses termos:

(...) [o futebol] formaba parte del tejido social y político de la dictadura (...) su impacto en la vida diaria durante el franquismo está a la vista de todos. El fútbol dominaba casi completamente la vida deportiva del español medio, llegando a denominarse 'el deporte Rey' (AJA, 2002, p. 192).<sup>6</sup>

Bom, o esporte em termos gerais e o futebol, especificamente, assim como outros tantos aspectos em Espanha, conta com uma reestruturação conforme o avanço e vitória do chamado bando nacionalista, na sangrenta guerra civil de 1936-39. Conforme a mesma Gonzáles Aja (2002, p. 182), o resultado do conflito “puso fin a una época”. Essa é uma caracterização bastante compartilhada. Parece unânime a constatação de que até 1936 a organização do esporte (doravante estaremos nos referindo particularmente ao futebol) era de iniciativa privada e despertava pouca atenção/cuidado por parte do Estado (TORRES, 2006; SHAW, 1987). Sob esse aspecto, a Espanha estava, pelo menos até 1918, acompanhada pela França, Itália e Alemanha (ARNAULD, 2011, p. 42).

Tudo isso vai mudar com a instauração do novo regime. O esporte vai ser designado diretamente ao controle e responsabilidade da Falange e uma instância máxima, verticalizada e hierárquica vai ser estabelecida. A partir de fevereiro de 1941

---

<sup>6</sup> Ver também Shaw (1987, p. 12, 29). Para um apanhado geral, de caráter menos acadêmico, sobre o futebol durante o franquismo, pode-se consultar Carlos Santander (1990). Nesta obra se tem acesso, dentre outros, a um rol da classificação dos times espanhóis na Liga e na Copa do Generalíssimo, além da relação, com resultados e datas, de todos os jogos da seleção espanhola no período.

vai ser criada a Delegação Nacional de Deportos (DND), cujo primeiro presidente foi o General José Moscardó, o qual somente será substituído com sua morte, em 1955 (SHAW, 1987, p. 32)<sup>7</sup>.

Moscardó, herói da guerra, é constantemente mencionado, dentre outras, por introduzir uma nova cor à camisa da seleção espanhola (o azul, substituindo o tradicional, mas agora suspeito, “rojo” do uniforme) e a obrigatoriedade da saudação fascista, por parte dos desportistas, ao início das competições (AJA, 2002, p. 185). Estavam subordinadas a DND todas as federações nacionais. A entidade aprovava os estatutos e nomeava a presidência e vice presidência das mesmas. Estas, por sua vez, faziam o mesmo com as federações regionais. Uma estrutura piramidal, na qual, ademais, os cargos eram “irenunciabiles” (a quem o Estado nomeava só cabia a ele destituir: TORRES, 2006, p. 219).

De acordo com González Aja, a missão manifesta da DND era: “(...) usar el ámbito deportivo internacional para una exhibición de la virilidad y la furia españolas, lo mismo que habían hecho los regímenes alemán e italiano en la década de 1930-40” (AJA, 2002, p. 184-5).

Também há uma coincidência, pela avaliação historiográfica, sobre os resultados obtidos pela DND. Esta teria fracassado frente às suas metas básicas: “en su intento de hacer de España una nación de deportistas” e no intento de “conseguir gloria para la España falangista en las competiciones internacionales” (AJA, 2002, p. 185; SHAW,

---

<sup>7</sup> Até 1976, ano de sua extinção, a DND vai contar com mais 4 mandatários, a saber, José Antonio Elola Olaso (abr. 1955 – dez. 1966); Juan Antonio Samaranch, catalão (dez. 1966 – set. 1970), “el más inteligente y hábil administrador deportivo que surgió de la España franquista” (p.33); Joan Gich, secretário do Barcelona (set. 1970 – [jul.] 1975); Tomás Pelayo Ros ([jul.] 1975 – set. 1976), um “extraño a la DND”, mas um “Buen falangista” (SHAW, 1987, p. 35). Aqui já se começa a transição posterior a Franco e a DND é dissolvida em [abril] de 1976. Para maiores informações sobre as mudanças institucionais franquistas na condução do esporte, sobre a censura e repressão, além de programas desenvolvidos pela DND, recomendamos a recente obra coletiva dirigida por Xavier Pujadas (2011).



1987, p. 37). Realmente, o balanço Olímpico da Espanha, nesses anos,<sup>8</sup> e a pífia atuação da fúria “roja” (ou azul) parecem confirmar esse juízo.

### **Pão e Circo?**

Uma velha questão é abordada pelos especialistas, a da função socialmente anestésica do esporte (do futebol, no caso) e de sua instrumentalização, nesse sentido, pelos governos.<sup>9</sup> Não é o caso de nos deter muito nesse ponto, não obstante, destacaria duas contribuições sobre o tema. A de Baéz y Pérez de Tudela (2012), em livro bastante recente e a do já citado Duncan Shaw (1987). O primeiro, em um estudo circunscrito aos anos de 1923 a 1936, período, segundo o autor, de consolidação do ócio de massas em Madrid (tratar-se-ia, para nossos fins, do estabelecimento das bases de uma realidade social e esportiva com a qual lidamos, posteriormente, em nossas próprias pesquisas).

Pois bem, Baés y Pérez vai defender fundamentalmente que, ao contrário de muitas opiniões teóricas clássicas, não se pode constatar uma incompatibilidade entre a montagem do ócio de massas com o crescimento de uma ação cidadã e politicamente interessada. Essas duas coisas conviveram, lado a lado. Senão vejamos:

La principal aportación que puedo realizar, desde el punto de vista teórico, es que el desarrollo del ocio de masas convivió perfectamente con un incremento de la participación ciudadana en todos los ámbitos de la vida pública. La expansión del fútbol, el cine (...) generaron una auténtica sociedad de masas que experimentó también el crecimiento de los partidos políticos y los sindicatos, las huelgas, las manifestaciones y una movilización política que, en demasiadas ocasiones, generó enfrentamientos violentos entre las personas de diferentes ideologías (TUDELA, 2012, p. 324).

---

<sup>8</sup> Em seis edições, durante “los años Franco, solo ganó una medalla de oro, dos de plata y dos de bronce. Es un balance lamentable (...)” (SHAW, 1987, p. 24).

<sup>9</sup> Apenas como exemplo pode-se ver Ruiz (2010).

Um historiador político espanhol consagrado, como Javier Tusell (2005), também não se sente confortável com a tese da “alienação” inexorável do esporte/futebol. Tendo em vista exatamente a “proyección social del fútbol” durante o franquismo, afirma que isso seria “(...) insostenible: a lo sumo cabe decir que el impacto del fútbol fue más la consecuencia que la causa de la pasividad política” (p. 187). A essa mesma conclusão vai chegar um especialista no tema:

Mi opinión es que la ‘futbolitis’ que se apoderó de España fue, indudablemente, más el efecto que la causa de esta pasividad política. Tras la guerra civil, el Pueblo era passivo porque sus líderes políticos habían muerto (..) o exiliado o estaban encarcelados y porque las personas menos comprometidas politicamente que quedaban se veían obligadas a aceptar el nuevo régimen ante la amenaza de sufrir un destino similar (...).  
Sostener que su fanatismo por el fútbol impidió a ese hombre común pensar politicamente me parece una afirmación sumamente dudosa y superficial (SHAW, 1987, p. 119).

Um último elemento que gostaríamos de elencar diz respeito a algumas correlações básicas atribuídas às duas grandes equipes futebolísticas do período: o Real Madrid e o F.C Barcelona. Novamente se tratam de associações bastante frequentes. Um livro genérico, de introdução a temas e itens relacionáveis aos “espanhóis”, por exemplo, vai estampar sem dúvidas que:

O Real Madrid representa Castela, o centralismo e a autoridade. Durante a ditadura, o clube *merengue* foi um dos mais próximos de Francisco Franco. De seu presidente, Santiago Bernabeu, dizia-se que governava o Real Madrid com o mesmo pulso firme com que o Caudilho governava Espanha. O Barcelona, por sua vez, é uma espécie de seleção oficiosa da Catalunha, mesmo que os jogadores catalães melhor se destaquem pela sua ausência (BUADES, 2008, p. 42).

E não está errado. De uma maneira geral essa dualidade foi e é a que vingou. A nossa questão é sondar (mesmo que inicialmente) os termos da construção da mesma e desconfiar de alguns pontos, agora sim, muito repetidos, mas talvez pouco refletidos.

Um testemunho excepcional de época, extremamente pertinente, pode ser visto em mais de um título da literatura especializada. Referimo-nos ao discurso de José Solís, importante ministro secretario do “Movimiento”, o único partido legal durante Franco. Em 21 de outubro de 1959, dirigindo-se aos jogadores do Real Madrid, afirmou: “Vosotros habéis hecho mucho más que muchas embajadas desperdigadas por esos pueblos de Dios. Gente que nos odiaba ahora nos comprende...” (apud SHAW, 1987, p. 18)

Desde então, a imagem de melhores embaixadores se associa ao Real Madrid (ver também AJA 2002, p. 192). O papel oposto, de resistência e de perseguição pelo regime cabe ao rival (antípoda), Barcelona.<sup>10</sup> Dado que é desnecessário insistir nesse item, vamos a alguns apontamentos.

Não parece haver dúvidas que o Clube de futebol Real Madrid foi a entidade desportiva que melhor serviu aos interesses do regime franquista. Com as fantásticas conquistas da equipe, e com o time liderado por Di Stéfano, a Espanha reaparece no cenário internacional não mais nas duras manchetes políticas e econômicas, mas como referência em um esporte tremendamente popular e, no caso, vitorioso. Não custa lembrar que o Real Madrid se sagrou pentacampeão europeu, ganhando sucessivamente, desde o início de sua disputa (1955) até 1959, o que vai ser considerado o campeonato de clubes mais importante da Europa e, provavelmente, do mundo. Um fato, ademais, não repetido até os dias de hoje. Acrescente-se que o hexacampeonato europeu não chegou por pouco, o Real disputou a sexta final consecutiva em 1960, mas finalmente foi derrotado. Mas se a segunda metade da década de 1950 foi de hegemonia incontestada do clube de Madrid na futura *Champions League*, durante toda a década de 1960 o

---

<sup>10</sup> Para outros exames da rivalidade entre o Real Madrid e o Barcelona, com as decorrentes implicações políticas, pode-se consultar Foer (2005, p. 169–188) e Agostino (2002, p.73-80).

clube vai tomar conta da Liga espanhola. São 8 títulos em 10 disputados e uma nova Copa Europeia, na temporada 1965/66.

Desculpem-me, mas não tem ditadura que banque isso. Só jogando muita bola. Di Stéfano certamente era a figura chave dessa equipe e um jogador raro, internacionalmente.<sup>11</sup> Por tudo isso está correto Alex J. Botines, o qual, em publicação de 1975, vai traduzir assim a situação:

El Real Madrid ha sido, durante años, el equipo que mejor ha servido al Régimen [franquista]. El Real Madrid ha pregonado por todo el continente la importancia de un país que evolucionaba con forzoso retraso respecto a todo lo europeo. Nuestro subdesarrollo encontraba en el Real Madrid una excepción que permitía a los españoles salir al extranjero 'con la cabeza muy alta' (apud AJA, 2002, p. 193).

Isto posto, está evidente que o clube em questão ajudou a criar uma imagem positiva da Espanha no exterior. Outra coisa bem distinta e improvável seria tê-lo como um clube franquista, dirigido e a serviço do regime. Essa parece ser a linha equilibrada a se ter em conta (AJA, 2002, p. 193-94 e, principalmente, SHAW, 1987, p. 61-77). E quanto ao Barcelona?

Nossa já conhecida professora González Aja vai destacar a associação do Barça e do Athletic de Bilbao a um significado anticontrário: “El Barcelona y el Athletic (...)

---

<sup>11</sup> Para se ter uma ideia, veja-se este breve cartel.

Di Stefano se destaca no River Plate, Argentina, “con el que se proclamaría campeón y máximo goleador. En 1947 debutó con la Selección Argentina que ganó el Campeonato Sudamericano de Guayaquil (Ecuador), en el que anotó seis goles. Pronto le bautizarían con el sobrenombre de 'La Saeta Rubia' por la explosiva velocidad que imprimía a su juego. En el campeonato argentino jugó 66 partidos y marcó 49 goles (...). Di Stéfano fichó por el Millonarios de Bogotá, el mejor equipo de Colombia. Era una auténtica selección mundial, donde coincidió con grandes jugadores como Rossi, Báez o Pedernera. Los éxitos deportivos de aquel 'Ballet Azul' traspasaron fronteras. Con este equipo jugó 294 partidos y marcó 267 goles (...). El sueño del madridismo se vio cumplido en 1953, cuando el Real Madrid consiguió fichar al mejor futbolista del momento tras una larga disputa con el Barcelona, club que también pujaba por sus servicios. Debutó el 23 de septiembre de 1953 ante el Nancy francés. Sería el primero de los 510 partidos que disputó con el Real Madrid, en los que marcó 418 goles. Con el conjunto blanco ganó ocho Ligas, cinco Copas de Europa, una Copa de España, una Copa Intercontinental, dos Copas Latinas, una Pequeña Copa del Mundo, tres Trofeos Carranza y un Trofeo Benito Villamarín, entre muchos otros títulos. Además, se proclamó cinco veces 'Pichichi' [artilheiro] en las temporadas 1953/54, 1955/56, 1956/57, 1957/58 y 1958/59. La UEFA le otorgó el Balón de Oro en 1957 y 1959”. Disponível em: <[http://www.realmadrid.com/cs/Satellite/es/1193041639976/1202817703443/jugador/JugadorLegionario/Di\\_Stefano.htm](http://www.realmadrid.com/cs/Satellite/es/1193041639976/1202817703443/jugador/JugadorLegionario/Di_Stefano.htm)>. Acesso em 30 jul. 2012.

fueron sinónimos de separatismo; el Osasuna y el Español - este sobretodo - significaran lo contrario” (AJA, 2002, p. 179). Nosso outro estudioso, Duncan Shaw vai ser mais extenso e vai pontuar diferentes momentos. O clube

(...) fue sin duda un vigoroso centro de sentimientos catalanes antes de la guerra civil (...) Pero después de la guerra, y debido a la brutal represión en Cataluña, el ‘Barça’ adquirió una significación social y política absolutamente decisiva. Los partidos en Les Corts y luego en el Camp Nou ofrecían una oportunidad regular tolerada para miles de catalanes de reunirse y hablar en su desalentada lengua materna, cantar canciones tradicionales prohibidas, como ‘La Santa Espina’ y ‘Els segadors’, expresar su frustración política mofándose del Real Madrid y - desde fines de los años sesenta - hacer ondear la senyera, la proscrita bandera nacional (SHAW, 1987, p. 63).

Para esse tema contamos ainda com o aporte do livro de Carles Santacana Torres. Deste autor destacamos dois elementos interessantes para se pensar tanto a historicidade do “simbolismo do Barça” quanto da *eterna* (!) rixa como o Real Madrid (TORRES, 2006, p. 15). Conforme Torres (2006), de 1890 até meados da década de 1910, aproximadamente, o “Barcelona *era un club más de la ciudad*” (p. 24. Grifo nosso). O fato de haver uma forte movimentação política em prol de um estatuto de autonomia ao qual o Barcelona apoiou explicita e ativamente, fez com que a agremiação se elevasse à condição *do* clube da cidade. Mais efetivamente ainda frente à negativa do R. C. D. Español em assinar o manifesto da campanha de 1918 (TORRES, 2006, p. 26).

Relativamente ao desafeto com o time merengue, seria de se recordar que a primeira equipe a hegemonizar o futebol espanhol foi o Athletic de Bilbao, provável responsável, incluso, pela atribuição do apodo de “fúria” ao selecionado nacional (SHAW, 1987, p. 21). Este era o adversário comum a ser batido pelos demais três grandes de Espanha: o Real Madrid, o Barcelona e o Atlético de Madrid. A inimizade visceral entre o Real e o Barça, portanto, deveria ser buscada em outro lugar: noutro tempo e circunstâncias. Para o professor catalão, essa briga tem data de nascimento e

um histórico de agressões. O momento a partir do qual a competição desportiva passou a ser algo mais profundo e arraigado, passa pelos acontecimentos relacionados à final da Copa do Generalíssimo, de 1943. Realizada em duas partidas, a primeira se deu no campo de *Les Corts*, em Barcelona, resultando em vitória do time da Casa, por 3 X 0. Durante a semana subsequente a pressão teria sido imensa e o placar do segundo encontro registrou um excepcional e quase inacreditável 11 X 0 a favor da equipe da capital. O exagerado desse *score* parece avultar uma humilhação que os azulgranas “*no olvidan*”. De acordo com Torres (2006, p. 37), “desde entonces, nada fue igual” na trajetória das disputas entre esses dois grandes conjuntos.

Haveria ainda o “caso Di Stefano”, de 1953 (o jogador era pretendido pelo Barça e pelo Real, time com o qual o craque argentino acabou assinando); a histórica “Final de las botellas”, de 1968 (irados pela perda da Copa do Generalíssimo, em seu próprio campo, parte da torcida do Real Madrid  *premia* os jogadores adversários com uma chuva de garrafas, inviabilizando qualquer possibilidade da tradicional volta olímpica); as provocativas declarações de Santiago Bernabeu (que, em 27 de julho de 1968, afirma à Murcia Deportiva que: “Y no están en lo cierto quienes dicen que no quiero a Cataluña. La quiero y la admiro, a pesar de los catalanes” – apud TORRES, 2006, p.65) e, por fim, o “caso Guruceta” (nome do juiz que em 06 de junho de 1970, em outra partida da Copa do Generalíssimo, desta vez nas quartas de finais, marcou um pênalti mais que duvidoso a favor do Real e contra o Barça, resultando na eliminação deste e no avanço do Real para mais um título).

Enfim, a *pelea* (ou a surra, no caso) foi constante. Não obstante, ela não nasceu de uma indisposição congênita, mas sim de reiterados atos de um clube que, beneficiado por uma conjuntura política favorável, de simpatias mutuas com o regime vigente, se

impôs, nem sempre pela nobre disputa desportiva, a um perseguido elenco associado a pretensões separatistas. Uma pecha inviável, em uma Espanha que só poderia ser “Una, grande y libre” (?!), tal como o famoso adágio franquista. Dessa forma a história se torna melhor compreendida. Ou não?

Diante de tanta paixão, instituições, interesses, versões, eu gostaria de por um pouco de lenha na fogueira. Por que não? O pior (o melhor) que pode acontecer é *calentarmos* o debate. A narrativa de Torres tem o mérito de, em um primeiro momento, desnaturalizar uma possível essencialização da oposição Real Madrid X Barcelona. Isso é positivo. O que nos faz desconfiar da exposição é a sua estrutura heróica. O Barça é o herói dessa história, com tudo a que tem direito: injusto e prolongado vilipêndio; resistência corajosa e, quando necessária, inteligentemente recuada; humilhação extrema (11 X 0, placar verídico, frente àquele que vai se transformar em seu arqui-inimigo: é trágico); a expiação de 16 anos sem uma Liga (de 1928-9 a 1944-45: destes, na verdade, apenas sete sob o franquismo) e, finalmente, a superação.

Esta última etapa podemos acompanhar pela leitura do Guia oficial do Museu do Barcelona, vendido a três euros, opcionalmente, à entrada do “Camp Nou Experience”.<sup>12</sup> Logo somos advertidos que se trata do maior estádio europeu, em capacidade de público, um palco qualificado como “cinco estrelas”, pela UEFA e mantido pelo clube de futebol “con más socios del mundo (...) [mais] de 175.000” (FÚTBOL CLUB BARCELONA, 2011).

No museu, atualmente, passada a tempestade, abrigam-se os troféus de 21 ligas, 26 Copas do Rei e quatro Copas da Europa (as estrelas da coleção, tão longamente

---

<sup>12</sup>O Museu do Barça, temos que admitir, é um colosso. Provavelmente o mais visitado da cidade e com um conjunto de atrações e opções de interação que, ao meu ver, supera o nosso Museu do Futebol, em São Paulo. A diferença é que estamos falando de um clube e não de uma instituição para a história do futebol de todo um país; do “país do futebol”.

aguardadas; a primeira foi conquistada em 1991-92). Creio que é possível justapor o livro de Torres com esse ápice conclusivo. Até porque o texto do guia é de autoria do mesmo escritor.

Voltando à obra historiográfica, e tentando concluir, o que mais incomoda é a ausência de contraponto. A disputa teve ponto de origem, recorrentes provocações (sempre do mesmo lado!) e uma verdade básica: foi o Real Madrid quem começou. E continuou batendo.

Penso que, ao menos, deve-se aventar<sup>13</sup> itens matizadores. O Real Madrid, que obviamente comungou uma identificação com o regime, não se nega isso, amargou 20 anos sem uma liga nacional; de 1933 a 1953, ou seja, quatorze dessas temporadas coincidindo com o período de 15 anos iniciais do Regime franquista. Como explicar?

Ademais, a competição que alçou o Real aos píncaros da glória internacional do futebol foi (é) uma disputa intereuropeia, na qual o poder de ingerência do Estado e governo espanhol, se assim fosse o caso, teria muito pouco a fazer. E o Real Madrid foi pentacampeão consecutivo nesse campeonato...

Outra coisa. O *Camp Nou* é de 1957. Esse moderno estádio foi inaugurado em um período de auge político do regime, quando o mesmo consegue grandes vitórias diplomáticas internacionais e uma retomada dos circuitos relacionais normais com o restante da Europa, como pudemos ver anteriormente. Se é verdade que o esforço foi do Barça e da região Catalã, também o é que não houve impedimentos à tarefa. Ademais, em 1971, já na última fase da vida de Franco, mas ainda sob vigência indiscutível do poder do Caudilho, o Barcelona continua crescendo, inaugurando seu Pavilhão

---

<sup>13</sup> Conforme o dicionário eletrônico Priberam, aventar tem com primeira acepção: “1. Atirar (o grão) ao ar para que o vento o limpe”. Ou, “pôr ao ar, arejar; ventilar, aventurar”. Creio que é exatamente essa a minha proposta. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=aventar>>. Acesso em 30 jul. 2012.



Polidesportivo e uma Pista de gelo. A estrutura do clube, pode-se afirmar sem receio, deu um grande salto durante o período.

Outro ponto. Por que se estabelece um “caso Di Stefano”, cujo resultado final foi favorável ao Real Madrid e se *cala* frente a um “caso Kubala”, jogador excepcional, também pretendido pelos dois clubes, mas cujo vencedor, no caso, foi o Barça? Quanto a esse assunto, aliás, não faria mal lembrar dois fatos básicos. O primeiro referente à boa vontade e firmes investidas das autoridades para a permanência do jogador. Duncan Shaw nos relata que o médico falangista Armando Muñoz Calero, representante espanhol no Comitê Executivo da FIFA, desde agosto de 1950, entrevistou sistematicamente para, primeiro, obter permissão para a inscrição do jogador no clube espanhol e, depois, para viabilizar sua presença na seleção espanhola. Isso denotaria um esforço de um falangista, indicado por órgãos sob controle estatal, que beneficiava o time catalão. Evidentemente a questão era maior. Tal como Shaw a descreve, tratou-se de estabelecer um contraponto a um país comunista, recebendo-se os desportistas como “refugiados políticos”. De qualquer maneira, o Barça saiu favorecido (SHAW, 1987, p. 149).

O segundo fato tem a ver com o papel de garoto/jogador propaganda do regime, exercido pelo já então jogador do Barcelona, Ladislau Kubala. Até filme o futebolista protagonizou. Uma película da mais pura propaganda anticomunista e pró Espanha franquista que se poderia conceber. Em “Los Ases procuran la Paz”, de 1954, Kubala encena o horror do comunismo e a gratidão à Espanha de Franco, na qual se pode viver em paz...! (e faz escola: dois anos depois Di Stefano estréia em “La Saeta Rubia”, mas

esse é mais cristão/universalista: trata-se de salvar as crianças desamparadas pelo exercício de um futebol social; ah, Kubala faz uma aparição também nessa película<sup>14</sup>).

Há outros tópicos. Para um lado e para o outro. Não cabe esgotá-los. O ponto está, penso, fincado. A opção é por matizar e *dialogicizar* as narrativas. Agora bem, o meu problema é a dimensão social (o que equivale dizer: política, econômica, cultural) do futebol em Espanha e como o mesmo, até por conta dessa cotidiana e visceral capilaridade, qualificou-se como tema relevante para os roteiros/manipulações/reflexões cinematográficos. Nessa linha nos interessa saber como as histórias fílmicas que abordaram o futebol permitiram expressar aspectos da trajetória e da sociedade espanhola durante aqueles anos. Para essa parte da história, convido-os à defesa da tese.

## Referências

AGOSTINO, Gilberto. *Vencer ou morrer*. Rio de Janeiro: Mauad/Faperj, 2002.

AJA, Teresa González (org.). *Sport y Autoritarismos – la utilización del deporte por el comunismo y el fascismo*. Madrid: Alianza Editorial, 2002.

ARNAULD, P. “Deporte y relaciones internacionales antes de 1918”. In: PUJADAS, Xavier (coord.). *Atletas y ciudadanos - historia social del deporte en España - 1870/2010*. Madrid: Alianza Editorial, 2011.

BUADES, Josep M. *Os Espanhóis*. São Paulo: Contexto, 2008.

CANTARERO, Luís y BLASCO, Dora. “Fútbol, cine y ideología”. *Atas do VIII Congreso AEISAD* (Asociación Española de Investigación Social Aplicada al Deporte). Barcelona, Universidad Ramon Lull, 2004.

CARR, Raymond; FUSI, Juan Pablo. *Espanña, de la dictadura a la democracia*. Barcelona: Editorial Planeta, 1979.

CERVELLÓ, J. S. *A Revolução Portuguesa e a sua influência da Transição espanhola (1961-1976)*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1993.

---

<sup>14</sup> Para uma apreciação dos dois filmes citados ver Cantarero e Blasco (2004).

CORTAZAR, Fernando Garcia de: *História de Espanha*. Lisboa: Editorial Presença, 1997.

DIAZ, Elias. *Pensamiento español en la era de Franco (1939 -1975)*. Madrid: Editorial Tecnos, 1992.

ESTAPÉ, Fabian; AMADO, Mercè. “Realidad y propaganda de la planificación indicativa en España”. In: FONTANA, Joseph (org.). *España bajo el Franquismo*. Barcelona: Editorial Crítica, 1986.

FOER, Franklin. *Como o futebol explica o Mundo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

FONTANA, Joseph (org.) *España bajo el Franquismo*. Barcelona: Editorial Crítica, 1986.

FUSI, Juan P. “La reaparición de la conflictividad en la España de los sesenta”. In: FONTANA, Joseph (org.) *España bajo el Franquismo*. Barcelona: Editorial Crítica, 1986.

FÚTBOL CLUB BARCELONA. Museu F. C. Barcelona. *Guía Oficial*. Barcelona, Angle Editorial, 2011 (texto de TORRES, Charles Santacana).

LINZ, J. J.; STEPAN, A. *A Transição e Consolidação da democracia – a experiência do sul da Europa e da América do Sul*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

MEDINA, João. “Salazar e Franco: dois ditadores, duas ditaduras”. In: COGGIOLA, Osvaldo (org.). *Espanha e Portugal - o fim das ditaduras*. São Paulo: Xamã, 1995.

PUJADAS, Xavier (coord.). *Atletas y ciudadanos - historia social del deporte en España - 1870/2010*. Madrid: Alianza Editorial, 2011.

RUIZ, José Antonio. *Fútbol, pan y Circo - la metáfora patriótico-deportiva de España*. Madrid: Editorial Fragua, 2010.

SANTANDER, Carlos Fernandez. *El fútbol durante la guerra civil y el franquismo*. Madrid: Editorial San Martin, 1990.

SARTORIOS, N.; ALFAYA, J. *La memoria insumisa - sobre la dictadura de Franco*. Madrid: Editorial Espasa, 1999.

SEIXAS, Xosé M. Núñez. La España de Franco. *Revista Cuadernos Historia* v. 16. Madrid, n. 51, s/d.

SHAW, Duncan. *Fútbol y Franquismo*. Madrid: Alianza Editorial, 1987.

TORRES, Charles Santacana. *El Barça y el franquismo – crónica de unos años decisivos (1968 – 1978)*. Barcelona: Ediciones Apóstrofe, 2006.

TUDELA, José Maria Báez y Pérez de. *Fútbol, Cine y Democracia – ocio de masas en Madrid, 1923 – 1936*. Madrid: Alianza Editorial, 2012.

TUSSEL, Javier. *Dictadura Franquista y Democracia 1939 – 2004*. Barcelona: Crítica, 2005.

VILAR, Pierre. *Guerra da Espanha: 1936 – 1939*. RJ: Paz e Terra, 1989.